


# HISTÓRIA E LITERATURA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

 10.5935/2177-6644.20220020

HISTORY AND LITERATURE: POSSIBLE  
DIALOGUES

HISTORIA Y LITERATURA: DIÁLOGOS  
POSIBLES

**Davi Silva Gonçalves \***


 <https://orcid.org/0000-0001-8825-2859>


**Valdir Olivo Junior \*\***

 <https://orcid.org/0000-0001-9620-8081>

Ao longo da história, várias civilizações se debruçaram sobre a difícil tarefa de conquistar a verdade. Hoje, entretanto, compreendemos que, em muitas medidas, “a verdade está condenada a permanecer uma ficção” (ZIZEK, 2016, p. 190). Talvez até maior do que a própria verdade, é a ficção quem dá forma a uma sociedade, que é assim composta por narrativas consonantes, dissonantes, complementares e, por vezes, contraditórias. As lembranças de nossas histórias enquanto sujeitos nos molda ao longo da vida, individual e coletivamente: tais narrativas, portanto, constituem-se como a nossa verdade, relativa, porém não menos real. Daí a relevância da ficção como espelho e como martelo da história, reprodutora e produtora de sentidos, (re)criadora e receptáculo de mundos. Roger Chartier alega que “[...] semelhantes textos que fazem da escritura, do livro e da leitura o objeto mesmo da ficção, obrigam os historiadores a pensar de outra maneira as categorias mais fundamentais que caracterizam a ‘instituição literária’” (CHARTIER, 2000, p. 198). Entre a literatura e a história, na configuração da instituição literária, muitos diálogos se fizeram e se fazem possíveis. Por isso, é necessário ter em mente essa interlocução perene.

Tzvetan Todorov (2014, p. 65) nos lembra que “a arte interpreta o mundo e dá forma ao informe, de modo que, ao sermos educados pela arte, descobrimos facetas ignoradas dos objetos e dos seres que nos cercam”. O objeto literário, assim, oferece uma espécie de metahistória ficcional, oportunizando uma reflexão que, ao se soltar das amarras do real, rompe com os limites do concreto e do visível, investigando aquilo que o olhar redutivo do palpável é incapaz de investigar. Isto é, com a lente da ficção, é possível enxergar o real para além dele mesmo e, da mesma forma, constru-

\* Doutor em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Adjunto no Departamento de Letras e membro do Conselho Diretor do Centro de Línguas (CEL) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).  <http://lattes.cnpq.br/4264535213871108> - E-mail: [davisg@unicentro.br](mailto:davisg@unicentro.br).

\*\* Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Adjunto no Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).  <http://lattes.cnpq.br/882998861833724> - E-mail: [volivo@unicentro.br](mailto:volivo@unicentro.br).

ir uma versão da verdade que habita outra dimensão, maior e, por vezes, mais determinante do que aquilo que surge na superfície. Por outro lado, apesar do seu caráter contextual e coletivo, é também verdade que nossa relação com a arte e com a literatura não é nem invariante e nem universal, por se tratar também de um espaço permeado por subjetividade. Segundo Chartier (2000, p. 197), por isso “devemos romper com a atitude espontânea que supõe que todos os textos, todas as obras, todos os gêneros, foram compostos, publicados, lidos e recebidos segundo os critérios que caracterizam nossa própria relação com o escrito”. Ainda, de acordo com o autor:

Trata-se, portanto, de identificar histórica e morfologicamente as diferentes modalidades da inscrição e da transmissão dos discursos e, assim, de reconhecer a pluralidade das operações e dos atores implicados tanto na produção e publicação de qualquer texto, como nos efeitos produzidos pelas formas materiais dos discursos sobre a construção de seu sentido. Trata-se também de considerar o sentido dos textos como o resultado de uma negociação ou transações entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social que buscam, ao mesmo tempo, os materiais e matrizes da criação estética e as condições de sua possível compreensão (CHARTIER, 2000, p. 197).

Coerente com a amplitude dessa tentativa de reconhecer a pluralidade da produção literária, bem como os contextos e efeitos plurais por trás e consequentes dela, esse dossiê vai ao encontro disso que postula Chartier (2000). Se os textos ficcionais são resultado de uma negociação entre a invenção literária com o mundo social, compreendemos que a criação estética deve ser estudada em suas mais variadas manifestações ao longo da história. De acordo com Alfredo Bosi (2013, p. 23), “a liberdade do possível inclui o real, não ignora o real: abraça o real, vai até as entranhas do real e tira do real os desejos de alguma coisa que o real ainda não é”. Desfrutando dessa liberdade do possível, que penetra o real em suas camadas mais escondidas, a literatura é aqui compreendida como uma fonte incansável para a reflexão histórica. Dessa maneira, também buscamos, com esse dossiê, dar destaque para a literatura que, para nós, tem uma relevância inegável não só para a compreensão histórica, mas, talvez principalmente, para que novos horizontes históricos sejam considerados e, talvez, alcançados. Como sugere Thomas Mann (2011, p. 190), “haveria no fazer artístico, ainda que ele pareça ser mero divertimento, algo de ético, útil, social, que afinal talvez leve à verdade salvadora, algo pelo qual todo um mundo desconcertado anseia”. Através desse dossiê, portanto, buscamos dar mais algumas respostas para a ansiedade que permanece presente nesse mundo desconcertado.

De modo a contribuir para essa tentativa, vinte e um artigos compõem este dossiê. No primeiro deles, *A literatura afro-brasileira de autoria feminina como fonte histórica*, Janaina Rodrigues Pitas investiga a literatura afro-brasileira de autoria feminina como fonte para a construção das aprendizagens históricas. O texto traz concepções teóricas e metodológicas,

contribuições do movimento da *Escola do Annales*, e problematizações sobre a fonte literária em consonância com o campo da Educação Histórica, o protagonismo negro e o inconformismo na escrita da história.

Roney Pavani & Suellen Pereira Miotto Lourenço, no artigo intitulado *Os paradoxos da modernidade na fantasia de J. R. R. Tolkien (1917-1949)*, analisam temas recorrentes na ficção fantástica de J. R. R. Tolkien, mais especificamente a decadência, o desencanto, a tragédia e a ameaça em diálogo com sua época de produção e enquanto uma crítica aguda e conservadora ao mundo moderno e às pretensões racionalistas que o geraram. *Os descaminhos do Brasil Republicano de Antonio Callado: uma leitura de Reflexos do Baile*, de Glener Ochiussi, investiga o romance de Callado levando em conta os seus indícios históricos, com enfoque no tempo histórico das ditaduras Costa e Silva e Médici. Ana Maria Antunes de Campos, em *Uma reflexão sobre os Poemas de José Ribeiro Escobar*, reflete sobre a importância dos poemas de Escobar como forma de expressão dos contextos sociopolíticos e socioeconômicos do primeiro decênio do século XX.

*Um romance 'impróprio': escrita, tempo e oralidade em "Cachoeira das Eras" (1979)*, de Kalil Tavares Fonteles, consiste na análise das tensões e nuances entre escrita e oralidade no romance *Cachoeira das Eras* (1979), mais especificamente a partir das relações literárias entre tempo, natureza, narração e performance oral no intuito de refletir sobre as próprias bases do gênero romance e de seus limites estéticos. Márcia Suely Oliveira do Nascimento, no artigo *Visões literárias e cenas urbanas da Feira de Santana da década de 1940*, reflete acerca do processo de elaboração de memórias e representações da Feira de Santana da década de 1940, a partir da contraposição entre os romances *O Lobisomem de Feira de Santana* (2002), de Fernando Ramos e *Setembro na Feira* (1986), de Juarez Bahia. *Capitu e o capítulo: infiltrações, sobrevivências e interstícios*, escrito por Luís Fernando Beloto Cabral, reflete acerca de memória e representação na adaptação cinematográfica de *Dom Casmurro* realizada pelo cineasta Júlio Bressane.

Gláucia Elisa Zinani Rodrigues, no artigo de nome *A batalha de Erechim ou de Erexim? Gatos à Paisana: a representação da nomenclatura Erechim ou Erexim em Gladstone Osório Mársico*, analisa a representação da discussão para a nomenclatura oficial da cidade de Erechim, no livro satírico *Gatos à Paisana*, e no texto, *A batalha de Erechim ou de Erexim?* de autoria do escritor satírico erechinense, Gladstone Osório Mársico (1927-1976). Lucas Eduardo de Souza Ferreira, no texto de *Uma tela de Henrique Bernardelli e os gregos: leituras literárias, filosóficas e históricas de O chefe dos bandeirantes*, relaciona aspectos literários, filosóficos e históricos na análise da tela “O chefe dos bandeirantes” de Henrique Bernardelli, vista em paralelo com a cultura

e pensamento dos gregos antigos – mais especificamente as obras: *A República* de Platão, a *Ilíada* de Homero e a vida e filosofia de Diógenes de Sinope.

O artigo *História e Literatura: os memorialistas em Pouso Alegre/MG*, de Giovane Silva Balbino, Configura um debate acerca do papel da literatura memorialista na construção de uma narrativa histórica na cidade de Pouso Alegre/MG. Isabella Nogueira, em *Uma proposta de pesquisa da relação entre História e Literatura*, busca fortalecer a reflexão teórica sobre a relação entre História e Literatura, sendo parte de uma pesquisa de doutorado que se dedica ao estudo da circulação transatlântica das *Mémoires de Garibaldi*, publicadas em 1860 por Alexandre Dumas, em Paris. Carlos Eduardo Bione Sidrônio de Lima, no artigo *Narrativas do gulag, outras margens do arquipélago*, investiga como a história do gulag desenvolveu-se, passando inicialmente pela narrativa literária testemunhal, assumindo depois estatuto de área historiográfica especializada da soviologia e, por fim, alcançando novas possibilidades narrativas como tema contemporâneo candente, com desafios a serem enfrentados em tempos de controle das narrativas históricas.

*Angústia, Sensualidade e o Enfrentamento do Feminino em Gabriela Cravo e Canela*, de Igor Benatti, Josiane Cristina Bocchi & Andreza Marques de Castro Leão, analisa o sofrimento da protagonista do romance de Jorge Amado. Com ênfase para as relações de poder, juízos valorativos e sexistas que surgem na narrativa e produzem angústia na protagonista, elementos da violência contra a mulher e da cultura patriarcal são discutidos para além da ficção. Fabiana Alves Dantas e Alexandre Araújo da Silva, em *A peculiar modernidade currais-novense em Os Brutos*, de José Bezerra Gomes, refletem acerca da obra do escritor potiguar, no que se refere ao processo de modernização do município de Currais Novos/RN, partindo de uma abordagem amparada no referencial teórico-metodológico da história cultural. *A Não-Identidade no Não-Lugar nas Memórias de Hugo Hamilton*, por Patricia de Aquino, analisa a caracterização do autor-personagem Hugo Hamilton, em *The Speckled People* e *The Sailor in the Wardrobe*, explorando sua complexa formação identitária dentro da família alemã e anglo-irlandesa entre 1950 e 1960.

Rafael da Rocha Massuia, no artigo intitulado *Marxismo e Distopia: reflexões sobre um futuro interdito*, explora o contexto contemporâneo à luz das possibilidades ensejadas por meio das obras de ficção científica, com ênfase em sua variante distópica, e estabelecendo um vínculo entre esse subgênero com o marxismo. Mara Aparecida Pereira do Nascimento, em *A pós-utopia nos versos de Humberto Gessinger*, investiga de que forma, na construção poética de três canções de Humberto Gessinger, “Toda forma de Poder”, “Revolta de Dandis II” e “Somos quem podemos ser”, emerge um discurso coletivo de indignação pós-utópica do período pós 1985. Como

desdobramento de uma dissertação de mestrado, Laís Gerotto de Freitas Valentim & Helena Bonito Couto Pereira, no texto *As personagens em De amor e de sombra, de Isabel Allende, no contexto da Ditadura Chilena*, analisam a construção da ditadura chilena no romance, com ênfase para a personagem de Gustavo Morante, símbolo de resistência frente à situação política do Chile, o núcleo central e o contexto de produção da obra.

No artigo *Da ironia ao desassossego de Fernando Pessoa*, Carolina Borges da Silva Luiz investiga a relação entre a ironia e o desassossego, sentimento associado à experiência da modernidade. Explorando temas como a identidade, a memória, o pertencimento, a consciência, o trabalho intelectual e a situação de crise que perpassa todos esses elementos, a pesquisa identifica a ironia como definidora da sensibilidade moderna. Eugenia Argañaraz, por fim, no artigo *Modos de leer y escribir la des-integración: Narrativas de dos hijxs del exilio argentino en México*, analisa os romances *Catálogo de las formas* de Nicolás Cabral e *Conjunto vacío* de Verónica Gerber Bicecci; sua análise propõe pensar como os autores elaboram em seus romances sua memória pessoal e suas experiências como filhos de exilados argentinos residentes no México.

O dossiê conta também com dois ensaios. No ensaio *Ecos de liberdade: raça, gênero e classe do Brasil Colônia à atualidade*, Amanda Padilha Pieta analisa o poema “Vozes-Mulheres” de Conceição Evaristo refletindo sobre racismo, sexismo e classismo no Brasil no contexto de sua formação até os dias atuais. Já o ensaio *Na tessitura das vozes: o dialogismo na obra de Milton Hatoum*, de Arcângelo da Silva Ferreira, toma como base o dialogismo bakhtiniano para analisar textos de Milton Hatoum.

Além disso, essa edição da revista TEL, conta também com a tradução de Giovana Eloá Mantovani Mulza intitulada *O nacionalismo argentino e o romance apocalíptico como prospectiva histórica* e as autoras Cibeli Grochoski & Ingrid Taylana Machado entrevistando a professora e pesquisadora Ana Maria Ruffino Gilles, em texto intitulado *Entre as escritas de si e os estudos temáticos do século XIX: Entrevista com Ana Maria Rufino Gillies*. Ademais, o volume também traz quatro artigos de temática livre. São estes: *Os paradigmas da conquista e da contenção representados em “O jogo do exterminador” de Orson Scott Card*, de Roberto José Covaia Kosop & José Edmilson de Souza Lima; *A Hiper-História e os movimentos sociais: considerações sobre o caso zapatista*, de Hermes Rodrigues de Lima; *“A política formada no sangue, na deslealdade, na farsa”:* uma análise do filme *Crônica de um Industrial (Luiz Rosemberg Filho, 1978)*, de Izabella Cardoso da Silva, e, por fim, *A produção da verdade em exames cadavéricos nos casos de suicídio (São João do Triunfo-PR, 1912-1928)*, de Marcelo Douglas Nascimento Ribas Filho.

O número surpreendente de artigos que foram enviados para avaliação, no caso deste dossiê, aponta na direção de uma onda que parece crescente de estudos que buscam essa aproximação entre história e literatura. Tal esforço não só nos parece válido, mas fundamental para suprir uma lacuna que, por vezes, máscara o mundo histórico e o literário como se esses fossem antagônicos, ainda que, na verdade, sejam profundamente interdependentes. Pelo contrário, e conforme argumenta Chartier (2000, p. 198), pensar essa relação permite que historiadores possam descobrir “[...] em alguns textos literários uma representação aguda e original dos próprios mecanismos que regem a produção e transmissão do mistério estético”. Evidentemente, entender esses mecanismos gera uma compreensão histórica, ainda que limitada. O mistério estético pode operar fora dos limites, mas nossa investigação dele nunca estará tão livre de nossas próprias limitações no âmbito da pesquisa, e do olhar destinado para a observação e análise artística. Reconhecer a natureza dialógica da história com a literatura é reconhecer também que haverá sempre algo que seremos incapazes de alcançar, nesses dois escopos, e ainda que estejamos fadados a seguir nessa espécie de busca impossível. Mann (2011, p. 49) resume que “só existem começos relativos. A história é uma constante troca de planos de fundo que nos fazem remontar a inícios cada vez menos palpáveis. O início original de todas as coisas não reside no tempo: é transcendental”. Como personagens de um conto qualquer de Borges, seguiremos buscando os pontos de encontro entre a história e a literatura e, na sequência, modificando esses mesmos pontos, dia após dia, encontro após encontro.

## Referências

BOSI, Alfredo. **Entre a Literatura e a História**. São Paulo: Editora 34, 2013.

CHARTIER, Roger. Debate: literatura e história. **Topoi**, Rio de Janeiro, n. 1, 2000, p. 197-216

GONÇALVES, Davi. Entre a literatura e a história. In: Edson Santos Silva; Maria Inês Caciano; Wallas Jefferson de Lima. (Org.). **Sábados Literários: Prata da casa**. 1ª Ed. - São Paulo: Todas as Musas, 2018, v. 1, p. 231-244

MANN, Thomas. **O Escritor e sua Missão**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SÁBATO, Ernesto. 1963. **O Escritor e seus Fantasmas**. Trad. Janer Cristaldo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

ZIZEK, Slavoj. 1999. **O Sujeito Incômodo: O Centro Ausente da Ontologia Política**. São Paulo: Boitempo, 2016.